



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

LIZ VIOLETA LIMA DE ANDRADE BARBETTA

**A NÃO BINARIEDADE EM MIM E PARA ALÉM DAS QUESTÕES DE GÊNERO:  
UMA BUSCA POR CONEXÕES COM O IMPROVISO, A DANÇA E SEU ENSINO**

**BRASÍLIA**  
**2023**

Liz Violeta Lima de Andrade Barbeta

**A NÃO BINARIEDADE EM MIM E PARA ALÉM DAS QUESTÕES DE GÊNERO:  
UMA BUSCA POR CONEXÕES COM O IMPROVISO, A DANÇA E SEU ENSINO**

Monografia apresentada à Universidade de Brasília – UnB, Campus Darcy Ribeiro, como requisito parcial para a conclusão da Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz

**BRASÍLIA**

**2023**

Liz Violeta Lima de Andrade Barbeta

**A NÃO BINARIEDADE EM MIM E PARA ALÉM DAS QUESTÕES DE GÊNERO:  
UMA BUSCA POR CONEXÕES COM O IMPROVISO, A DANÇA E SEU ENSINO**

Monografia apresentada à Universidade de Brasília – UnB, Campus Darcy Ribeiro, como requisito parcial para a conclusão da Licenciatura em Artes Cênicas.

Aprovada em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

**Professora Doutora Fabiana Marroni**

Membro efetivo interno

---

**Professor Doutor André Ferraz**

Membro substituto interno

---

**Professor Doutor Fernando Villar**

Orientador

**BRASÍLIA**

**2023**

Dedico esta monografia a todos que já se sentiram deslocados em algum momento de suas vidas, mas que tiveram a oportunidade de se encontrar e que se orgulham de quem são.

Foram vocês que me ajudaram a me encontrar e chegar aqui. Vocês me inspiraram a ser uma pessoa cada vez melhor e orgulhosa de mim mesma, sem vocês nada disso seria possível.

“Conforme a marcha do tempo, as circunstâncias levam aqueles de espírito forte a questionar o mundo em que vivem.”

Monkey D. Dragon (*One Piece*, 2007)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todes que tornaram este trabalho possível, pois ele é resultado de diversas vivências que tive ao longo da minha vida. Tanto na minha vida pessoal quanto escolar e acadêmica. Esta monografia é puramente fruto destas vivências e do que eu pude aprender com elas. Não vou me delongar nos agradecimentos, tenho dificuldade de sintetizar o quanto sou grata a tudo e todes que contribuíram comigo de alguma forma, mas gostaria de agradecer a elus mesmo que de uma forma breve.

Então, agradeço por minhes professores e mestres, minha família (especialmente minha mãe), minhes amigues, minhe namorade e minhes gates.

Agradeço especialmente a minhes amigues e referências que também são pessoas trans, pois muito do que sei e sou hoje, foi graças a trocas que tive e tenho com elus, que me acolhem e me ajudam a entender cada vez mais sobre mim e sobre a transgeneridade.

Também agradeço especialmente meu orientador, Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz, que me trouxe acolhimento e esperança quando eu já estava perdendo os ânimos com esta monografia por nem saber por onde começar. Até os últimos momentos antes de enviar este trabalho, ele esteve presente me ajudando e sendo uma luz guia para mim.

A todes vocês, muito obrigade!

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo compreender a não binariedade por meio do meu próprio processo de transição, além de buscar conexões entre ela, a não binariedade, o improviso e a dança. Ao longo do processo de desenvolvimento desta investigação e de sua metodologia de abordagem, pude perceber que sua maior parte era baseada no meu estudo de caso sobre mim mesma e meu processo de transição de gênero. Era necessário que eu criasse um entendimento maior sobre a não binariedade para poder me embasar e compartilhar com outras pessoas as minhas buscas e descobertas, a respeito dela. Me permitindo assim poder explicitar como minha percepção sobre não binariedade se ampliou como eu busquei criar uma conexão com outros fatores para além do gênero, que aqui nesta monografia são a dança e o improviso. Assim, por se tratar de um processo meu, esta pesquisa é escrita em primeira pessoa, e a metodologia de abordagem começa no meu entendimento como uma pessoa trans não binária, primeiramente de uma forma emocional e psicológica, para depois continuar com a minha percepção do que é a não binariedade em si, procurando entender cada vez mais o que ela significa. Em seguida relato como foi a reação de amigos diante minha transição, e como outras pessoas me ajudaram a entender que tanto a transgeneridade quanto a não binariedade precisam ser estudadas para serem compreendidas para além das próprias vivências. Nesse momento percebi que o objetivo da pesquisa estava se transformando, pois eu ainda precisava compreender muita coisa sobre não binariedade antes de levá-la para outro âmbito. Também compartilho como foi a reação de alguns familiares à minha transição e como isso me afeta até os dias atuais. Logo depois desta primeira parte, parto para a segunda parte, onde relato minha relação com a dança e com o improviso. Em sequência explico como a não binariedade foi se ampliando, para além das questões de gênero e possibilitando uma busca por uma conexão por meio do processo criativo dentro do improviso. Assim, busco tentar elucidar como cheguei nesta conexão e que desdobramentos eu poderia ter a partir dela, além de esboçar possíveis futuras aplicações práticas desta pesquisa. Na introdução além de iniciar a apresentação desta monografia, incluí conceitos que serão fundamentais para a compreensão da mesma, obtidos na plataforma online *ChatGPT OpenAI*, além de alguns conceitos presentes nos estudos de gênero de Judith Butler e Berenice Bento, duas referências no campo, criando um diálogo entre a plataforma, as autoras e eu mesma, visando gerar uma compreensão mais abrangente acerca dos conceitos trabalhados.

Baseando-me principalmente em minhas vivências, utilizo material majoritariamente empírico na primeira parte. Na segunda parte, conto com conceitos de improvisação de Stephen Nachmanovitch, buscando uma abordagem que enfatize a liberdade de experimentação, sem julgamentos, comparando o processo criativo com o processo de transição de gênero. Na última seção, apresento as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso.

**Palavras-Chave:** não binariedade; dança; improviso; transgeneridade; estudos de gênero.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. PARTE UM - A NÃO BINARIEDADE</b>	
<b>1.1 - A NÃO BINARIEDADE E EU.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 - A NÃO BINARIEDADE E OUTRES.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 - A NÃO BINARIEDADE E A FAMÍLIA.....</b>	<b>26</b>
<b>2. PARTE DOIS - A DANÇA, O IMPROVISO E EU</b>	
<b>2.1 - UM EU DANÇANTE.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 - O IMPROVISO.....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 - A NÃO BINARIEDADE DENTRO DA DANÇA POR MEIO DO IMPROVISO.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Esta monografia nasce a partir de uma necessidade interna de pesquisar sobre a não binariedade para além das questões de gênero, pois uma vez que me identifiquei como uma pessoa não binária pude perceber que o conceito de não binariedade atravessa diversas questões que não só meu gênero. Foi como poder expandir minha mente e meu olhar para tudo ao meu redor. E uma dessas questões, era a própria dança, o que consideramos o *saber dançar* e a forma que se dá o seu ensino.

Antes de tudo, eu sabia que gostaria de trabalhar em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a corporeidade e o improviso dentro da dança, a expressividade que nossos corpos carregam, mesmo que involuntariamente. E ao mesmo tempo, em que eu estava com este tema em mente, eu estava começando a me reconhecer como uma pessoa não binária, e fui percebendo que a dança e a não binariedade tinham muito em comum dentro da minha cabeça, então decidi que minha pesquisa seria sobre isso, pois é algo que repercute em mim, no que eu quero falar e que pode repercutir em outros. Após muito pensar a respeito, veio uma ideia. E se eu trabalhasse o ensino da dança, com o viés não binário dentro do educar e do pensar, por meio do improviso, além de promover um olhar ao meu próprio processo enquanto me compreender como uma pessoa não binária?!

Então me dei conta que dentro da minha proposta a não binariedade é também algo latente, pois um dos meus objetivos para com este trabalho é pesquisar que dentro do improviso e da dança não existe uma binariedade de certo e errado, apenas a experimentação de si por meio do próprio corpo, gerando percepções sobre o que foi realizado, desde o momento de execução, com o sentir, até o momento em que se finalize esse processo.

Porém ao longo do processo de pesquisa e criação desta monografia, eu acabei percebendo que precisava entender melhor o que a não binariedade significava para mim, para assim poder compartilhar o meu processo e as conexões que gostaria de buscar através dele.

E dessa forma, acabei tendo como principal componente dessa investigação o meu próprio processo compreendendo a não binariedade, passando por mim, por outros e pela minha família, para assim finalmente poder buscar as ligações com o improviso, com a dança e tentar imaginar como seria trabalhar com isso.

Com o caminho decidido, me permiti discorrer com muita sinceridade sobre como foi me identificar como uma pessoa trans não binária, compartilhando detalhes de como lidei com diversas questões internas e externas. Também gostaria que quem estivesse lendo esta monografia pudesse compreender como me senti em diversas situações e como minha mente foi criando meios de expandir o conceito de não binariedade para além do gênero, mediante um viés questionador.

Comecei compartilhando o meu próprio processo entendendo a não binariedade do ser, e me identificando com a mesma, a partir da minha própria percepção do que a não binariedade representa para mim. Além do que isso representa na minha vida, permeando outros lugares que não só o gênero, mas diversos outros aspectos, entendendo que muitas coisas vão muito além de apenas duas possibilidades. Como por exemplo, certo x errado, céu x inferno, bom x ruim, dor x prazer, homem x mulher. Existem muitas coisas entre essas “dualidades”, negando assim a binariedade estrutural imposta pela sociedade em que vivemos atualmente.

O improviso e a dança vêm em sequência, por meio de um olhar de quem está explicando como surgiu essa ideia de criar uma conexão com a não binariedade por meio do improviso, colocando o processo criativo em evidência e o comparando com o processo de se reconhecer como uma pessoa trans. Início falando como foi meu contato com a dança e com o improviso para depois trabalhar esta conexão com o meu processo não binário. Em seguida investigo essa conexão para um possível desdobramento dentro de sala de aula.

Como metodologia de abordagem, acabei selecionando principalmente um estudo de caso baseado na minha própria vivência como pessoa não binária, partindo do momento da minha descoberta enquanto pessoa trans não binária, relatando como se deu esse processo e como compreendi o que é a não binariedade para mim e como essa compreensão é um processo contínuo que se dá até hoje por meio de estudos e compartilhamento de vivências com outras pessoas, principalmente outras pessoas trans e a importância destes compartilhamentos para o entendimento que tento elucidar nesta pesquisa. Ao realizar este estudo de caso, pude perceber que este embasamento no que era não binariedade havia se tornado o material norteador desta monografia, pois percebi que precisava ter um embasamento maior acerca deste tema para poder passar para a segunda parte deste trabalho, que é a forma que procuro ampliar o conceito de não binariedade para além das questões de gênero, de uma forma que me permita buscar uma interseccionalidade entre ela e a dança, pois sugiro uma conexão entre o processo criativo

presente no improviso e o meu próprio processo de transição de gênero, me baseando na inexistência de uma dicotomia de certo e errado em ambas. Em seguida, após sugerir essa tentativa de busca, proponho possíveis utilizações desta conexão que sugeri, pensando numa possibilidade futura de utilizá-la em sala de aula, e quais problemáticas poderiam ser criadas a partir dela. Finalmente, nas considerações finais esboço como poderia experimentar uma aplicação prática desta pesquisa, pensando em futuros possíveis.

Como material auxiliar escolhi trabalhar com o livro *Ser Criativo: O poder da improvisação na vida e na arte* (1993), de Stephen Nachmanovitch, que conheci em meu terceiro semestre, com a professora Fabiana Marroni, na disciplina Linguagem e Movimento 3, e que me abriu portas para repensar a educação e o ensino da arte, e principalmente da dança e das corporeidades do ser, tendo assim uma potência muito grande para agregar meu trabalho, já que utilizaria “*improvisação como a chave-mestra da criatividade*” (1993, p.19. Grifo meu.). Este livro foi meu primeiro contato teórico com um estudo sobre improviso, então decidi criar um diálogo direto com ele, selecionando Nachmanovitch como único interlocutor dentro da pesquisa sobre improviso, pois foi primeiramente a partir dos conhecimentos presentes em seu livro que criei a possibilidade de buscar paralelos entre a improvisação e a não binariedade.

Em questões específicas de gênero, selecionei fragmentos de estudos de gênero do livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), escrito pela filósofa e teórica estadunidense Judith Butler, que possui grande importância na atualidade e cujas obras revolucionaram os estudos de gênero. Outro livro que também utilizei foi *O que é Transexualidade* (2008), de Berenice Bento, uma socióloga e escritora brasileira, professora da Universidade de Brasília. Suas pesquisas abordam temas relacionados a gênero, sexualidade e direitos humanos. Selecionei estas duas autoras pois por mais que essa primeira parte seja majoritariamente pessoal e empírica, achei necessário me embasar em outras pesquisadoras mais experientes para poder ter mais segurança no que estou buscando entender e compartilhar nesta monografia. Butler é estadunidense, e seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003) é referência na temática de estudos de gênero, principalmente por ter sido um livro lançado em 1990, e que continua sendo um dos livros mais recomendados sobre o assunto até os dias atuais. Já Bento foi selecionada por também ser uma referência e por realizar seus estudos mais próxima da realidade em que estou inserida, pois ela é uma socióloga e professora brasileira.

Alinhando es autores seleccionades e minha pesquisa empírica, busco saber se o olhar para além da binariedade nos permitiria reflexões diversas acerca de definições que foram criadas e perpetuadas mas que podem ser questionadas. Para mim, começou com meu próprio gênero, mas comecei a perceber que o tema abria uma possibilidade de buscar conexões com a dança e com o improviso. De acordo com Nachmanovitch (1993, p. 22):

Também não se pode falar de *um* processo criativo, porque as personalidades são diferentes e o processo criativo de uma pessoa não é igual ao de outra. Na luta pela expressão do ser, muitos seres podem ser expressos. Cada um precisa descobrir sua própria maneira de penetrar e atravessar esses mistérios essenciais.

Nesta citação para mim fica clara a possibilidade de comparar o processo criativo com o meu processo de transição. Ressalto que esta monografia nasceu a partir de uma necessidade interna de compartilhar essa descoberta, a fim de dividir meus processos em busca de mim e desta conexão com o improviso, a dança e uma sugestão de uma possível aplicação em sala de aula desses conceitos. Com a pesquisa sendo majoritariamente resultado de um processo empírico, me sinto privilegiada por poder pesquisar tais temas que refletem um bocado de quem eu sou e de como me sinto a respeito deles. Espero que vocês possam usufruir desta monografia assim como eu a estou aproveitando, ao permitir me abrir por meio dela, com muito orgulho e carinho por tudo que ela representa para mim.

Pois então, vamos bailar! Mas antes de começarmos, sugiro uma pequena contextualização a respeito de conceitos e temas que irei abordar nesta monografia, que podem não ser de conhecimento geral.

Antes mesmo de saber sobre o que esta monografia seria, eu tinha o objetivo de que ela fosse acessível a todes. Gostaria que ela chegasse não somente em quem entenderia com maior facilidade o que eu estou falando, mas em uma variedade de perfis das mais diversas pessoas, fossem elas cis, trans binárias ou não binárias, acadêmicas ou não, adolescentes, jovens adultes ou adultes maduras. Então por isso peço licença para compartilhar alguns conceitos que serão utilizados nesta pesquisa, pois sei que o que será redundante para algunes, será esclarecedor para outres.

Então, comecemos! Primeiramente, esta monografia foi escrita por mim, uma pessoa não binária de gênero fluído, então é normal que em alguns momentos eu me refira a mim mesma no

feminino(ela/dela), outros no masculino(ele/dele) e também na linguagem neutra (elu/delu). Também utilizarei a linguagem neutra para me referir a outras pessoas, como por exemplo utilizando alune ao invés de aluno/aluna.

Em seguida, estou trazendo alguns conceitos básicos para poder enfim falar sobre não binariedade, que, por ora, vou tratar como uma questão de gênero. E aí trago aqui os conceitos de gênero e sexualidade, pois estes dois são constantemente confundidos um com o outro. E para tal, selecionei primeiro conceitos retirados de uma plataforma digital conhecida como *ChatGPT Open AI*<sup>1</sup>. E em seguida, traço uma conexão com o conceito de gênero de Judith Butler em *Problemas de Gênero* (2003).

Rapidamente digitando na plataforma do *ChatGPT OpenAI* a pergunta “O que é sexualidade e o que é gênero?” obtive as seguintes respostas:

- Sexualidade:

refere-se a um aspecto central da identidade humana que abrange uma variedade de dimensões relacionadas à expressão sexual, afeto e relacionamentos íntimos. Isso inclui atração sexual, orientação sexual, comportamento sexual, identidade de gênero, papéis de gênero e expressão de gênero. A sexualidade é influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Cada pessoa tem uma experiência única de sua sexualidade, e a diversidade nessa área é reconhecida e respeitada. (*OpenAI*, 2023)

- Gênero:

refere-se aos papéis, comportamentos, atividades e expectativas socialmente construídos associados a ser homem ou mulher em uma determinada cultura. Ao contrário do sexo, que se refere às características biológicas e anatômicas, o gênero é uma construção social que varia ao longo do tempo e entre culturas. Identidade de gênero é como uma pessoa se percebe em termos de masculino, feminino, ambos, nenhum ou algo além do binário de gênero. A expressão de gênero está relacionada à forma como uma pessoa comunica externamente sua identidade de gênero por meio de roupas, comportamentos, aparência e outros elementos. (*OpenAI*, 2023)

- A diferença entre gênero e sexualidade:

Em resumo, a sexualidade está relacionada à atração, relacionamentos íntimos e expressão sexual, enquanto o gênero refere-se aos papéis e identidades

---

<sup>1</sup> O Chat GPT é um algoritmo baseado em inteligência artificial. Ele foi criado por um laboratório de pesquisas em inteligência artificial dos EUA chamado OpenAI, com sede em San Francisco. O nome Chat GPT é uma sigla para “Generative Pre-Trained Transformer” – algo como “Transformador pré-treinado generativo”. Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/tecnologia/chat-gpt-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>

socialmente construídos associados a ser homem ou mulher. Ambos são aspectos fundamentais da experiência humana, e é importante reconhecer e respeitar a diversidade nas experiências individuais de sexualidade e gênero.

Logo, já adiciono como complemento que exemplos de sexualidade são, por exemplo, a homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade. E exemplos de gênero são homem, mulher, não binários e outros diversos.

Diante aos conceitos trazidos acima, trago também um conceito abordado por Butler:

o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados. (2003, p. 48).

Ou seja, o gênero é uma performance, não uma expressão interna e fixa da identidade. Ao repetir certos atos culturalmente impostos, as pessoas reforçam as normas de gênero. Essa repetição constante não apenas consolida o que é considerado 'masculino' e 'feminino', mas também revela a artificialidade dessas categorias. O gênero é, assim, uma construção social que não pode ser dissociada das práticas culturais que o constituem.

Agora já está mais fácil partirmos para nossa segunda etapa, que é desbinarizar o gênero. Acredito que a definição de gênero e sexualidade abordadas pelo *ChatGPT OpenAI* são mais acessíveis, mas as que gostaria de utilizar para continuarmos são as de Butler, pois ela investiga o gênero para além da dicotomia masculino/feminino, e é aí que eu quero chegar. Os estudos de Butler consistem mais em performatividade de gênero e desconstrução das normas binárias, que contribuíram bastante para a compreensão mais ampla das identidades de gênero que não se enquadram na binariedade tradicional homem/mulher.

Logo, os próximos conceitos abordados serão sobre gênero, mais especificamente a diferença entre cis x trans e a não binariedade, pois em questão de estudos de gênero, estes podem ser abrangentes. Novamente utilizarei primeiro o *Chat GPT, OpenAI*, e em seguida conceitos trabalhados por Berenice Bento, socióloga brasileira, professora do Departamento de Sociologia da UnB e pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), reconhecida por suas contribuições nos estudos de gênero, sexualidade e teoria *queer*.

Buscando agora “O que é cisgeneridade?”, “O que é transgeneridade?” e “O que é a não binariedade?”, temos as seguintes respostas:

## Cisgeneridade:

Cisgeneridade refere-se à identidade de gênero de uma pessoa que corresponde ao sexo designado no nascimento. Em outras palavras, uma pessoa cisgênera é aquela cuja identidade de gênero está alinhada com o sexo que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo, uma pessoa designada como do sexo feminino ao nascer, que identifica e se reconhece como uma mulher, é considerada cisgênero. O termo "cisgênero" é frequentemente usado em contraste com "transgênero", que se refere a pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo que lhes foi atribuído no nascimento. O entendimento e o reconhecimento da cisgeneridade são importantes na discussão de questões relacionadas à diversidade de gênero e inclusão, ajudando a promover um entendimento mais amplo da variedade de identidades de gênero que existem. (*OpenAI, 2023*)

## - Transgeneridade:

O termo "transgeneridade" refere-se à condição ou experiência de ser transgênero. Ser transgênero significa que a identidade de gênero de uma pessoa difere do sexo que lhe foi atribuído no nascimento. Em outras palavras, uma pessoa transgênero é aquela que se identifica com um gênero diferente daquele que foi registrado em seu nascimento. Por exemplo, se uma pessoa foi designada como do sexo masculino ao nascer, mas identifica-se e vive como uma mulher, ela é considerada uma mulher transgênero. Da mesma forma, se uma pessoa foi designada como do sexo feminino ao nascer, mas identifica-se e vive como um homem, ela é considerada um homem transgênero. A transgeneridade é uma parte importante da diversidade de identidades de gênero. É essencial respeitar e reconhecer as identidades de gênero das pessoas transgênero para promover um ambiente inclusivo e respeitoso. A aceitação e o apoio às pessoas transgênero são cruciais para garantir que elas possam viver autenticamente de acordo com sua identidade de gênero. (*OpenAI, 2023*)

## - Não binaridade:

A não binariedade, ou identidade de gênero não binária, refere-se a uma experiência de gênero que não se encaixa nas categorias tradicionais de "masculino" ou "feminino". Pessoas não binárias podem identificar-se como uma combinação de ambos os gêneros, como nenhum dos dois, ou podem ter uma identidade de gênero fluida, o que significa que sua identidade de gênero pode variar ao longo do tempo. Ao contrário da cisgeneridade, onde a identidade de gênero está alinhada com o sexo atribuído ao nascer, e da transexualidade, onde há uma identificação com um gênero diferente do sexo atribuído, as pessoas não binárias desafiam ou transcendem as categorias tradicionais de gênero. É importante destacar que a não binariedade é uma expressão válida e legítima da diversidade de identidades de gênero. O reconhecimento e o respeito pela identidade de gênero não binária são elementos essenciais para promover a inclusão e a compreensão das diversas experiências de gênero que existem. As pessoas não binárias podem utilizar uma variedade de termos para descrever suas identidades, como gênero queer, agênero, bigênero, entre outros. Respeitar e usar os termos preferidos pelas

peças é fundamental para apoiar a inclusão e o respeito pela diversidade de identidades de gênero. (*OpenAI*, 2023)

Agora trago o conceito de transexualidade de Berenice Bento. Em seu livro *O que é Transexualidade* (2008, p.18), Bento define transexualidade como “uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero.” e “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros do corpo”. Ou seja, a transexualidade é descrita como algo ligado à forma como uma pessoa se identifica em relação ao seu gênero e que vai além de aspectos médicos ou biológicos e envolve como a pessoa se percebe. Mais pra frente nos capítulos seguintes abordarei melhor essa questão do se sentir trans além das questões físicas. Mas por ora, espero que os conceitos tenham conseguido criar referências sobre os assuntos que irei abordar para que todes possam compreender os termos utilizados e assim ter uma melhor experiência ao ler esta pesquisa.

## 1. PARTE UM - A NÃO BINARIEDADE

### 1.1 - A NÃO BINARIEDADE E EU

Para poder falar da não binariedade dentro da minha vida, é importante ressaltar que minha transição começou em 2020, mas justamente porque foi o ano em que eu soube o termo para algo que eu vivenciava desde a minha infância, porque sempre fez parte de quem eu sou, eu apenas ainda não sabia que era algo real que outras pessoas também sentiam e se identificavam. Muites amigos com quem eu tinha convívio *online* começaram processos de transição de gênero, e aquilo começou a me gerar questionamentos cada vez mais frequentes. Porém, eu não tinha certeza se eu me enquadrava enquanto uma pessoa trans binária, no meu caso uma pessoa transmasculina. Ao longo do tempo eu fui pesquisando cada vez mais sobre e ampliando meu ciclo social *online* atrás de pessoas que se sentiam como eu, num lugar de questionar meu gênero mas não satisfeita com a transgeneridade binária. Foi quando eu me deparei com a não binariedade.

Eu pesquisei em *sites*, conheci pessoas não binárias que eram amigas de amigas que se sentiam confortáveis para compartilhar comigo seus processos de descoberta e reafirmação, e eu não poderia estar mais feliz em finalmente me sentir pertencente e aceita. Daí em diante eu não só sei como busco a cada dia entender mais e mais, quem sou eu dentro desse universo trans não binário, através das minhas próprias vivências, vivências de amigas, leituras, debates, e tudo que eu puder, pois uma vez que nos permitimos ser quem somos e ir atrás disso, o processo é válido.

Mas vamos por partes. Vou começar a compartilhar meu processo a partir do momento em que tudo começou a fazer mais sentido, ou talvez menos, porque o começo veio por meio de questionamentos internos que se intensificaram durante a pandemia de 2020. Foi um período muito intenso para diversas pessoas, inclusive eu. Falando por mim, posso afirmar que foi um momento de mergulho interno. E isso foi iniciando um processo de autopercepção e autocrítica que começou a me deixar inquieto, buscando o motivo para tantos questionamentos e desconfortos, como se eu soubesse que tinha algo em mim que precisava ser trabalhado, que era latente há muito tempo, mas eu não conseguia dizer o que era. Então eu precisei olhar ao meu redor e procurar o que me trazia conforto em meio a tanto caos. Algo interno mas que

reverberava no externo, mas que como eu não entendia de dentro para fora, eu precisei buscar de fora pra dentro. E no meio dessa busca eu fui percebendo que ao meu redor, as pessoas com quem eu conversava, as artes que eu consumia em maioria, as conversas que eu tinha, tudo atravessava o assunto transgeneridade. Ou eu posso dizer que a transgeneridade me atravessava. Mas eu não sentia que me encaixava no conceito de um homem trans, e também não me sentia uma mulher cis. Nunca me senti realmente assim. Foi aí que uma amiga me falou sobre a não binariedade. Ela me mandou textos, vídeos, me apresentou outras pessoas não binárias, e pra mim foi como se tudo estivesse se encaixando, como se cada centímetro do meu ser começasse a se arrear, mas aquele arrepio bom, que pode dar um nervoso no começo mas que logo em seguida a gente começa a gostar da sensação e se sente confortável com ela. Foi como se a vida estivesse me dando um beijo no pescoço. Por um momento a gente estranha, retrai os ombros como uma resposta automática do corpo, mas logo em seguida sente o calor do beijo, relaxa os ombros e esboça um sorriso tímido, mas de pura felicidade, e se sente pronto para receber o próximo beijo. Foi assim que eu me senti, eu sabia que poderia ser o começo de um processo muito intenso e que abarcaria muitas coisas da minha vida, de quem eu era, de como eu queria ser visto e percebido, das minhas relações, das minhas vivências passadas e futuras. E aos poucos eu decidi adentrar esse processo.

Eu quase não saía de casa, às vezes fazia videochamadas com amigas, mas aos poucos fui me abrindo cada vez mais pra esse processo de me reconhecer enquanto uma pessoa trans não binária, e o fato de eu passar a maioria do tempo em minha própria companhia era um fardo e uma bênção ao mesmo tempo. Um fardo porque eu sabia que teria que comunicar para as pessoas próximas a mim sobre, mesmo sem saber quando e como, porque eu mesmo ainda estava tentando entender o que aquilo significava pra mim, eu ainda estava no começo do que seria uma sequência de questionamentos, como eu poderia comunicar aquilo pra alguém sem que a pessoa me fizesse mais algumas perguntas que talvez nem eu saberia a resposta ainda?! Mas aos poucos eu pude ver que esse processo era meu, e aí eu percebi a bênção que era poder estar em contato comigo mesma para poder ouvir esses questionamentos e eu mesma determinar se conseguiria lidar com eles naquele momento ou não. Se num dia eu não me sentisse confortável, eu sabia que poderia trabalhar com o questionamento da vez num outro dia. E de pequeno passo em pequeno passo eu fui devagarinho me questionando para poder me reafirmar e entender cada vez mais o que era ser uma pessoa não binária.

Em uma sociedade que prega o binarismo antes mesmo de uma pessoa nascer – os chás de revelação de gênero que o digam – é muito fácil se contentar com o que a sociedade te impõe desde que você se sinta confortável desde sempre. Seguir padrões impostos por pessoas há eras atrás, sem nunca os questionar. Nada disso fazia mais sentido pra mim. Eu comecei a perceber que eu questionava muitas coisas desde criança, as “caixinhas de gênero” preestabelecidas pela sociedade nunca me couberam. Desde criança eu era meio menina moleque e meio princesinha. Gostava de jogar futebol e comprar roupa na área “masculina” e ao mesmo tempo amava brincar de boneca e usar roupas que são lidas até hoje como “femininas”. Ressalto aqui que estou utilizando referências binárias pois essas são pautadas e impostas pela sociedade, de acordo com o gênero que te designam quando você nasce, e para reconhecer que você está indo contra alguma coisa, é importante perceber e reconhecer o quanto dela você já viveu e ainda vive. Pois só é possível questionar e mudar algo se você consegue reconhecer que não se identifica mais inteiramente com aquilo que viveu antes. Para mim um exemplo disso é que quando você se afirma enquanto uma pessoa trans, e as pessoas cis já te perguntam quando você virou trans, mas o engraçado é que pessoas cis raramente se perguntam quando elas viraram cis. Eu acredito que todes deveriam se fazer essa pergunta e realizar essa reflexão, pois pra você se afirmar como algo, é importante se questionar antes se aquilo realmente representa quem você é. Isso seja com gênero, sexualidade, estilo de vida, o que for. A todo momento estamos nos afirmando e reafirmando, mas quantas dessas afirmações e reafirmações são realmente verdadeiras provenientes de uma necessidade interna de se conhecer a fundo? Ainda mais nós seres humanos que vivemos em meio a constantes mudanças a todo momento?!

Eu não virei trans magicamente, a questão aqui é o quanto eu demorei pra ter acesso à uma informação que me permitiu entender algo que faz parte de mim, e que agora eu tenho consciência do quão importante essa informação é para muitas pessoas. Ela finalmente traz uma sensação de pertencimento, cura feridas no presente, que foram abertas no passado. É como se todas as confusões anteriores começassem a fazer algum sentido.

No meu ensino médio por exemplo, eu tive muita dificuldade para me enturmar no começo. Nos primeiros dias de aula algumas pessoas achavam que eu era um garoto, e eu gostava disso. Isso se deu basicamente porque eu me vestia de uma forma que a sociedade lê como mais masculina, usando roupas largas, cabelo curto e não apresentava tanta vaidade quanto minhas colegas. E isso gerava confusão, porque os meninos achavam que eu me comportava

daquele jeito porque era *sapatão* e diziam que garoto nenhum iria me querer. E as meninas se sentiam desconfortáveis porque achavam que eu realmente era lésbica. Eu não entendia o porquê a forma que me vestia definia minha sexualidade ou meu gênero, sendo que pra mim, era só sobre eu me sentir confortável. Eu não sabia com quem falar a respeito disso, então resolvi que seguiria o padrão. Mudei o cabelo, comecei a reproduzir um estereótipo de gênero do que é considerado feminino, e aos poucos fui sendo mais inserida nos ciclos sociais. Mas eu estava seguindo estereótipos de gênero para agradar quem? Eu tinha a ilusão de que estava feliz, eu recebia a atenção que queria, era respeitada. Mas depois de alguns anos tentando manter essa ideologia, eu acabei quebrando com ela novamente mudando visual, estilo, me assumi enquanto bissexual achando que essa era a resposta, mas ainda sentia que não era só aquilo. E realmente não era. Eu me sentia mal por todo o processo que passei nos anos anteriores, tentando mudar pra me encontrar mas nunca completamente satisfeito com os resultados que encontrava e testava.

Se o Violeta de 14 anos, no primeiro ano do ensino médio, soubesse o que era não binariedade naquela época, tenho certeza que as coisas teriam sido diferentes. E eu percebi que não me deixaria passar por uma situação dessas de novo. Então decidi que estava na hora de comunicar cada vez mais pessoas ao meu redor sobre como me sentia e quem eu era, uma pessoa não binária de gênero fluído.

Mas agora pensando como a Violeta com 24 anos, muita coisa mudou, novos conceitos e novas vivências foram sendo adquiridas. E com elas muitas transformações tanto psicológicas quanto físicas. Atualmente sei que sou uma pessoa não binária de gênero fluído, ou seja, sou uma pessoa que transita entre o que é lido como feminino e masculino ou uma mistura de ambos, independentemente das expectativas tradicionais associadas a masculino e feminino.

Quando você se “descobre” uma pessoa trans é importante entender o movimento em que você está inserido, suas reivindicações e os processos que vieram antes de você e daqueles que caminham ao seu lado. Pois assim você consegue respeitar e entender com calma e empatia o seu processo e os processos alheios, sabendo acolher e ouvir não só a si, mas aos diversos perfis pertencentes ao conceito de transgeneridade.

Quando comecei meu processo de transição eu estava na fase mais interna, de primeiro entender como esse processo reverberava dentro de mim e como aquilo me afetava individualmente, para assim poder me reafirmar após passar por questionamentos internos.

Naquele momento eu não tinha vivências enquanto pessoa trans, foi um momento mais doce de me ouvir e me acolher de uma forma quase que inocente por assim dizer. Mas depois de passar por esse momento mais “calmo” e interno, de questionamentos e entendimentos, eu comecei a me reafirmar enquanto pessoa trans não binária para outres, e a partir daí a minha vivência começou a se tornar algo novo, porque agora as pessoas ao meu redor tinham novas interpretações e conceitos de quem, e do que eu era. Esses conceitos e interpretações foram diversos, desde pessoas que me acolheram e ficaram orgulhosas do processo que eu estava iniciando, até pessoas que fizeram chacota de mim e do conceito de não binariedade, como se fosse algo ridículo. E até o momento em que eu escrevo esta monografia eu posso afirmar que até hoje esse processo continua o mesmo.

De 2020 pra cá foram três anos de uma longa jornada não binária pra mim, recheada de altos e baixos, com vitórias e derrotas que me fizeram entender mais como o simples fato de se reafirmar algo reverbera nas pessoas ao seu redor, sejam próximas ou não. Vão sempre existir pessoas que vão pegar na sua mão e te oferecer acolhimento e afeto, pessoas completamente alheias, mas com coração e mente abertas para te ouvir, pessoas que nem vão querer se dar ao trabalho de tentar entender, e aquelas que vão te julgar e querer te definir de acordo com os próprios conceitos delas mesmas. E isso tanto para pessoas cisgêneras, que são pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi imposto ao nascer, quanto para pessoas trans, que não se identificam seja parcial ou completamente com o gênero que lhes foi imposto ao nascer.

Por fim queria dizer que realmente a maior parte do processo de se entender uma pessoa transgênero é interno e individual, mas a partir do momento em que identificamos isso, é importante compartilhar com aqueles com quem nos sentimos confortáveis, porque em muitos momentos é essencial lembrarmos de que não estamos sozinhas, e que temos com quem contar, sejam amigos, familiares ou namorades! Sei que pode parecer desafiador se abrir assim para alguém, mas foi compartilhando com outres que eu pude ir me conhecendo e conhecendo a não binariedade cada vez mais. Na maioria das vezes fiquei apreensiva de como seria, mas acredito no poder da troca de vivências e conhecimentos como uma potência para o saber, tanto sobre mim quanto sobre o mundo.

## 1.2 - A NÃO BINARIEDADE E OUTRES

Meu primeiro contato com a não binariedade foi ouvindo amigas que tinham se assumido como pessoas trans, binárias ou não, compartilhando suas experiências de descoberta e reafirmação, logo, desde o começo percebi a importância de estar perto de pessoas que se sentiam confortáveis para se abrir sobre esse processo.

Esse processo era meu, mas ao observar como cada processo era único e especial eu pude entender que por mais que sejamos um coletivo de experiências intrinsecamente parecidas, muita coisa aconteceu para que a gente pudesse ter cada vez mais acesso à informações que possibilitassem esse espaço seguro que eu tenho atualmente. E aqui eu evidencio uma das primeiras coisas que aprendi ao me reafirmar primeiro para amigas: o seu processo é unicamente seu, mas é importante que tenhamos consciência da interseccionalidade em que estamos inseridas dentro do universo trans, porque devemos respeitar a história daquelas que vieram antes e abriram as portas para que pudéssemos existir hoje.

Eu digo isso num lugar de agradecimento, pois além do acolhimento, foi muito importante ter tido amigas que também me questionaram e me contextualizaram sobre as diversas vivências trans, pois uma das primeiras coisas que acontecem quando a gente transiciona é focar em si e esquecer que você também está se inserindo numa comunidade que é nova para você, mas que muitas já estavam lá antes e muitas outras ainda virão depois. E para isso é necessário entender que mesmo sendo uma pessoa trans, eu preciso entender o que estou defendendo, pois mesmo dentro da comunidade posso cometer micro violências com outras participantes do mesmo meio, porém com vivências e interseccionalidades diferentes, sejam elas sociais, raciais, econômicas, de classe, orientação sexual ou de transgeneridade binária e/ou não binária.

É comum pensar que por ser uma pessoa trans você não é transfóbica, mas a verdade é que transfobia não é algo cometido apenas por pessoas cis, é o mais frequente, mas não são as únicas. E eu digo isso de um lugar de pessoa trans que já cometeu transfobia, pois se você não estuda seu movimento e procura entender vivências e processos diferentes aos seus, você pode acabar reproduzindo alguma ação que ofende uma outra pessoa trans, pode ser por puro desconhecimento, mas você ainda feriu alguém. Muitas dessas ações que podem ser consideradas transfóbicas são ações estruturais que podem vir de um lugar de um passado cis, e que não foi

desconstruído. Pode não ser intencional, mas acontece e é importante que nós, pessoas trans, saibamos admitir isso. A transgeneridade é um termo que abarca muitos processos diferentes, pois cada pessoa tem próprio tempo e processo individual, e é importante que respeitemos cada uma.

Eu acho importante trazer essa questão para o meu relato porque foi algo que mudou a minha visão enquanto trans, pois foi ouvindo amigas sobre seus processos que eu fui compreendendo onde cada processo se diferenciava para cada uma, por mais que transicionar seja algo comum a todas pessoas trans, cada uma tem sua forma e seu tempo, assim como a sociedade pode reagir de formas diferentes para cada processo.

Como por exemplo, muitas amigas minhas mulheres trans e travestis relatam que sofreram e sofrem uma violência muito grande ao se assumirem para a sociedade, muitas com rejeição da família e amigas, além de viver um constante medo por não terem amparo nem acesso a direitos básicos de um ser humano, que lhes são negados simplesmente por existirem. Muitas sequer têm oportunidades de emprego e são expulsas de casa, as vezes considerando até a prostituição como um meio de não ir para as ruas, e acabam se submetendo a processos de subsistência para terem o mínimo para sobreviver, afinal o Brasil é o país que mais mata travestis do mundo<sup>2</sup>, e isso é algo muito violento considerando que a simples existência delas já pode ser algo que a sociedade normativa enxerga como uma ameaça.

E agora peguemos minha transição como exemplo, eu criado como pessoa branca cis por 21 anos, que ainda me identifico parcialmente com meu gênero designado ao nascer, tendo o privilégio de ainda me sentir confortável no meu próprio corpo, ter amigas que me aceitaram, ter oportunidades de emprego com facilidade e posteriormente ter uma mãe que me escutou e acolheu. Todos esses privilégios não excluem as violências que já vivi enquanto uma pessoa trans, mas eu sei que eu jamais poderia comparar o meu processo com qualquer outra pessoa trans, pois como evidenciei aqui essas comparações não fazem sentido já que uma coisa é certa, violência é violência. Transfobia é transfobia. É preciso entender que se eu tenho privilégios no meu processo, é porque muitas vieram antes de mim, sofreram violências e conquistaram direitos

---

<sup>2</sup> Em relatório divulgado pela Antra, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o Brasil continua sendo campeão de desrespeito e violência com pessoas trans. Pelo décimo quarto ano seguido, somos o país que mais mata pessoas destes gêneros no mundo. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo#:~:text=Em%20relat%C3%B3rio%20divulgado%20pela%20Antra,assassinados%20no%20pa%C3%ADs%20em%202022>. Acesso 08 dez. 2023.

através de lutas, algo histórico e que deve ser respeitado e compreendido. E isso não invalida meu processo por eu “ter sofrido menos”, porém eu tenho que ter essa consciência de que existem processos diferentes do meu e que são tão válidos quanto e eu jamais posso querer comparar esses processos, pois além de ser algo equivocados, pode ser considerado transfóbico, pois se enquadra em uma microviolência de respeitar a vivência e existências alheias!

Portanto, uma coisa que aprendi e queria compartilhar com esse apontamento, é que corpos trans e cis são diversos, e cada um com sua vivência, processo e história. Negar isso é negar esses corpos em si, é negar que classe econômica, social e racial interferem sim em como cada corpo é lido e validado perante a sociedade. É necessário que tanto pessoas cis quanto pessoas trans entendam e respeitem isso para que esses corpos sejam ser respeitados, cuidados e que tenham acesso à educação, saúde, empregos e inserção na sociedade assim como qualquer outro corpo, pois pessoas trans existem, e querem apenas existir quando na verdade estão cansadas de apenas subsistirem e resistirem.

Dito isso, não quero ser mal interpretado por trazer este apontamento, apenas passá-lo a frente, pois eu já estive tanto no lugar de quem reproduziu uma micro violência não intencionalmente, apenas por não compreender direito vivências alheias a minha, assim como já sofri com elas por outras pessoas que tentaram me desvalidar ou desmerecer por não compreender o meu processo. Ninguém é obrigado a se expor e expor seus processos ou se reafirmar enquanto ainda não se sente confortável, mas se você tem a oportunidade de compartilhá-lo com alguém que também é trans e tem mais experiência/vivências que você, se permita colocar num lugar de escuta e de acolhimento, pois essa troca é valiosa e te fará compreender não somente a si e suas individualidades, mas a sua comunidade e aliades numa luta que arduamente vem sendo travada contra o *CISstema* e àqueles que se recusam a nos aceitar como seres humanos apenas por sermos diferentes.

Proveniente do primeiro aprendizado sobre ter aliades: ter amigas aliades é um grande privilégio, sejam eles trans ou cis. É importante ter apoio e cuidado e se sentir querida e respeitada por todes! Mas como uma pessoa trans, não posso deixar de ressaltar a importância de conviver também com outras pessoas trans, pois por mais que amigas cis também me amem e me respeitem, eu me sinto compreendido de uma forma especial quando estou com outras pessoas trans. É sobre se identificar e saber que aquelas pessoas entendem o que você passa de uma forma semelhante, e se permitir sonhar juntas, pois ao ver um dos seus alcançando metas o

seu sonho se torna cada vez mais possível, é emocionante saber e ver que nós existimos e estamos ocupando lugares juntos, e que juntos somos cada vez mais fortes.

### **1.3 - A NÃO BINARIEDADE E A FAMÍLIA**

Ao contrário da forma que me senti confortável de já comunicar a minhas amigas o início do meu processo de transição, com a família eu tive mais receio. A família aqui no caso é minha mãe, que é com quem moro desde que nasci. Claudia Andrade, mãe solteira, artista, produtora cultural, trabalhadora autônoma, uma mulher cis de 60 anos e de sexualidade fluída como ela mesma diz.

Para contextualizar, minha mãe sempre foi uma pessoa muito aberta a dialogar sobre assuntos que são considerados tabus desde que eu era uma criança. Ela optou por me proporcionar essa criação mais “livro aberto” e por isso eu cresci num ambiente que eu considerava acolhedor e confortável para compartilhar minhas vivências. Porém, eu também tinha que lidar com momentos desconfortáveis pós compartilhamentos, fosse porque era uma novidade, como foi quando me assumi como bissexual, ou por preocupação, como quando confessei ter fumado meu primeiro cigarro. Eu sabia que nossa relação permitia esses compartilhamentos, mas que eles também tinham consequências. E foi com isso que me preocupei quando percebi que não conseguia mais conviver todo dia com a minha mãe sentindo que estava escondendo algo, e que eu precisava contar para ela o que estava acontecendo.

Pensei muito em como poderia comunicar a ela tal notícia. “Oi mãe, eu sou trans!” e todos os cenários possíveis depois dessa frase. Eu sou uma pessoa muito ansiosa então imaginei desde o cenário mais otimista até o mais desastroso. Se assumir enquanto pessoa trans não é fácil em qualquer situação, quem dirá para os pais e mães. Quantas pessoas LGBTQIAPN+ não são expulsas de casa apenas por reivindicar sua própria existência?! Por mais que eu soubesse que minha mãe tenderia ao diálogo, acredito que essa situação passa na cabeça de qualquer pessoa prestes a se assumir, seja por ser expulso ou por querer ir embora por não ser aceite.

Depois de muito imaginar cenários e formas para iniciar esse diálogo, eu criei coragem graças a um outro amigo que é filho de uma grande amiga da minha mãe, que se assumiu enquanto homem trans. Esse meu amigo é como um irmão, nossas mães engravidaram na mesma época e acabamos nos tornando muito próximos. Ele inclusive me ajudou muito na minha

transição. Mas a questão aqui é que ele se assumiu para a mãe, e num primeiro momento ela teve dificuldade de aceitar, pois foi como um baque, mas ao longo do tempo, com diálogos e muita paciência ambos foram se entendendo. E como eu e minha mãe acompanhamos e participamos desse processo, eu com meu amigo e minha mãe com a amiga dela, eu acabei vendo que era possível, e aproveitei dessa abertura, e a abracei como uma oportunidade.

Tentei deixar o medo de lado, mas não vou negar que ele me acompanhou e me fez ficar um pouco receoso e irredutível durante a conversa. Eu quis tê-la em casa, em um momento descontraído, meio que só chegar e falar. Eu estava tão nervosa que nem lembro ao certo como foi que começou, só lembro que entramos em alguns debates sobre o que era gênero, o que era sexualidade, se eu era um homem trans ou não, se queria tomar hormônio e tirar os peitos. Era meio que minha mãe cheia de dúvidas e questionamentos e eu ali ainda me entendendo como pessoa trans sem nem saber direito como responder as perguntas sem sentir como se ela estivesse questionando a minha transgeneridade. Aos pouquinhos a gente foi conseguindo achar meios para se entender, a paciência era algo que a gente tinha esquecido de trazer para a conversa, porém ela acabou aparecendo e foi de suma importância para os caminhos que fomos tomando. Essa conversa se tornou uma sequência de diálogos que foram surgindo nos dias e semanas seguintes, até chegar nos dias atuais. De começo, minha mãe se mostrou um pouco resistente e assustada, que agora eu entendo que não veio de um lugar de negatividade, e sim de cautela e preocupação, exatamente por ela não saber o que estava acontecendo. Porém com os diálogos que foram surgindo, a gente pode se ouvir e compreender onde cada uma precisava de mais tempo ou mais informações para conseguir lidar. E no final, apesar de todo e qualquer bate boca que tivemos, ela me acolheu e me aceitou. Me disse que quando ela tinha minha idade também passou por esses questionamentos, pois se considerava muitas vezes uma pessoa andrógina, e que se ela tivesse acesso às informações que eu tive, na época dela, ela talvez também teria se assumido uma pessoa não binária. Também me contou que na minha infância me vestia com roupas que ela gostava, fossem femininas ou masculinas, desde bebê, e que nunca se importou muito com isso.

Atualmente minha mãe é uma das minhas maiores aliadas, fala de mim com orgulho para as amigas dela, que eu sou uma pessoa não binária e que ela me ama do jeito que eu sou. Eu sei que foi duro pra ela no começo, entender que a filha dela de 24 anos não era mais uma mulher, muito menos homem, mas uma pessoa não binária, algo completamente alheio aos

conhecimentos dela. Mas sou eternamente grata a ela e a abertura que ela teve comigo, de que por mais desentendimentos que tivemos no processo, ela nunca desistiu de tentar me entender e dar o melhor de si. Eu não tive paciência com ela no começo, mas assim que entendemos que temos que respeitar o tempo de processar de cada uma, tudo fluiu organicamente.

Recentemente em uma discussão com meu pai acabei me assumindo enquanto pessoa trans, e minha mãe estava comigo. Diferente da minha mãe, meu pai nem sequer queria me ouvir, me cobriu com uma chuva de preconceitos e transfobias, e enquanto eu só conseguia me sentir triste por estar sendo recusado e desvalidado, minha mãe quem me defendeu. Ela me chamou de filho na frente dele, e aquilo fez eu parar de chorar de tristeza e chorar de orgulho e emoção, por ver que ela não só tinha orgulho de mim, como me apoiava e defendia e me ama do jeitinho que eu sou, uma pessoa não binária de gênero fluído. E é assim até hoje. Levo com muito amor e carinho o nosso processo juntas e tenho muito orgulho do que estamos construindo juntas.

Em relação a outros integrantes da família, o único que sabe além da minha mãe é o meu primo, um homem cis de 24 anos, que também é como um irmão pra mim, já que temos apenas 3 dias de diferença de idade. Eu me assumi para ele já faz algum tempo, mas como ele não tem muito convívio com pessoas LGBTQIAPN+, eu não tive tantos diálogos pois não sabia como conduzi-los ou se ele estava entendendo. Mas para a minha surpresa, ele procurou entender sozinho do jeito dele, e um dia me mandou uma mensagem me tratando no masculino. Foi a coisa mais bobinha, algo como um elogio, falando que estava lindo em alguma foto. E eu chorei baixinho de coração quentinho, pois mesmo sem eu ter me esforçado para ter trocas com ele, ele fez questão de fazer eu me sentir respeitado e acolhido. Neste ano, no meu aniversário ele me deu uma camiseta “sem gênero” e que ainda me contou que quando entrou na loja e perguntaram “é presente pra homem ou pra mulher?” e ele respondeu todo orgulhoso que isso não importava, pois era pra uma pessoa não binária. E eu fiquei com os olhos marejados de novo.

No final, pra mim, não é sobre quantos familiares vão me aceitar, idealmente acho que todes querem ser aceites, mas ao ver esses que me aceitam, que estão do meu lado não importa o que aconteça e que estão demonstrando que me amam, respeitam e sentem orgulho de quem eu sou, isso é o que importa, é isso que me dá forças pra acreditar que é possível sim ter afeto e cuidado dentro de casa, na minha realidade, claro. E isso é mais do que suficiente, pois é real e faz minha mente ficar em paz e acalenta meu coração.

Todos os processos e descobertas que compartilhei neste capítulo foram fundamentais para esta pesquisa, pois foi vivendo cada um deles que eu entendi o tamanho da importância e influência da não binariedade na minha vida e na forma que eu enxergo o mundo ao meu redor. Eu precisei entender cada um deles com a mente aberta e muita paciência, compreendendo como cada um me afetava para assim poder sintetizá-los e colocá-los aqui.

Quando comecei a escrever esta monografia não esperava que a maior parte dela seria sobre não binariedade e o meu processo dentro dela, mas reconhecendo a necessidade em que eu sentia de me sentir compreendido, eu precisei deste espaço para tal.

Antes de ser pesquisador, professor ou alune, eu sou uma pessoa. Uma pessoa não binária. E não quero ter que abdicar de ser quem eu sou por pessoas poderem “não me entender” ou não me respeitar. Quero ser compreendido e respeitado como qualquer outra pessoa. Não gosto de imaginar entrar em sala de aula e ter que deixar de lado temas que reverberam em mim e que eu poderia trabalhar em sala, só porque o medo da censura me sonda. Gosto de imaginar uma sala de aula acolhedora para mim e para os alunos, onde todos poderiam sentir que estão em um ambiente confortável para ser como quiserem e compartilhar o que quiserem, pois suas individualidades e as minhas serão respeitadas. Me dando conta disso percebi que queria usar minha pesquisa para trazer a não binariedade como ponto central da minha investigação, tornando-a um diálogo direto com a pessoa que está lendo.

Não é que eu tenha deixado o improviso e a dança de lado, pois ainda os abordo, mas a questão principal se tornou a não binariedade, pois eu gostaria que as pessoas tivessem a possibilidade de me entender e me respeitar antes de compartilhar as minhas ideias. E agora que já consegui compartilhar primeiramente o meu processo de transição, gostaria de compartilhar a sua reverberação na conexão que criei com a dança e o improviso.

## 2. PARTE DOIS - A DANÇA, O IMPROVISO E EU

### 2.1 - UM EU DANÇANTE

Se me perguntassem quando comecei a dançar, eu não saberia responder com exatidão, entretanto, sei que de uma forma ou de outra a dança sempre esteve comigo. Até mesmo antes de saber o que era seu significado. Porque ao meu olhar, o corpo em movimento é um ser dançante.

O ser dançante está nos olhos de quem vê e imagina que um corpo ao se expressar através do movimento está bailando independente do que esteja fazendo. A coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã Pina Bausch trabalhou isso com seu coletivo de dança, o Tanztheater Wuppertal Pina Bausch através da ressignificação de gestos cotidianos, como exemplifica a atriz-bailarina, pesquisadora e professora de artes do IFAL, Marina Milito de Medeiros (2012, p. 31):

Ela passa a se inspirar no cotidiano e pede para seus bailarinos se observarem e observarem também seu entorno na busca de respostas poéticas para suas perguntas. Assim, gestos cotidianos ou figurativos voltam à cena, porém agora de outra maneira. Esses gestos não vêm necessariamente em função de uma fábula ou de uma narrativa linear que pretende ser contada para o público. O gesto cotidiano é utilizado nas mais variadas formas, para que possa suscitar emoções que vão além de si mesmo e da sua utilização usual.

A partir deste ponto de partida, sugiro uma reflexão a partir da minha análise de que se tirarmos a dança de um contexto erudito e conceitual, e colocarmos numa visão decolonial do que é a dança, *não binarizando* seu conceito entre certo e errado, seria possível afirmar que desde o nosso primeiro movimento somos seres dançantes.

Desde a minha infância até atualmente, eu já fiz aulas de *ballet*, *jazz*, dança contemporânea, *street dance*, *break dance*, samba de gafieira, salsa, zumba, tango, forró, baile charme, *vogue*, passinhos de *funk* de Belo Horizonte, *matsuri dance*, *fit dance*, *kpop dance*. Além de ter feito aulas de ginástica olímpica e tecido acrobático, que me ajudaram e ajudam muito em questões físicas de consciência corporal, flexibilidade, resistência e força. Também jogava *videogames* de dança quando tinha acesso, só para aprender as coreografias e usá-las quando saía para dançar na minha adolescência. Posso dizer que estou trilhando um caminho eclético dentro da dança, tendo variado bastante os estilos estudados. Com certeza ter tido tantas experiências

diferentes contribui bastante para meu repertório corporal. Tendo as mais diversas referências eu consigo criar diversas partituras corporais e experimentar bastante dentro das minhas capacidades.

Mesmo com tantas referências, eu ainda buscava um lugar onde eu me sentisse confortável para experimentar com elas. Eu sempre gostei de dançar, fosse em casa ou em festas, mas eu sentia que faltava algo. Isso mudou quando conheci o contato improvisação.

Por meados de 2015 e 2016, eu fui participar de uma oficina de contato improvisação ministrada na antiga FUNARTE, pela palhaça e dançarina Julieta Zarza. Eu me senti como uma criança entrando num parque de diversões. Foi tamanha euforia que eu me entreguei de primeira e me apaixonei. Eu podia misturar tudo que eu tinha aprendido ao longo de todos os anos anteriores e ainda me senti num ambiente confortável para compartilhar essa experiência com outras pessoas que também estavam ali explorando junto comigo. Não existia certo ou errado, éramos apenas corpos compartilhando suas sabedorias, dúvidas e anseios através do movimento e do improviso. E foi aí que começou minha jornada em busca de compreender o processo criativo dentro da improvisação.

## **2.2 - O IMPROVISO**

Em 2018 eu entrei para o curso de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília, e lá eu pude entrar em contato com mais dinâmicas do corpo através do improviso graças às aulas de Movimento e Linguagem. Eram meus momentos favoritos da semana, poder entrar em sala e trabalhar o corpo, experimentando e investigando diversas técnicas além do improviso, que era o meu deleite.

Em 2019, além de explorar o corpo, o movimento e a dança na universidade e por conta própria, eu me inscrevi em uma oficina ministrada por Hugo Rodas<sup>3</sup>, no Espaço Cultural Renato Russo. Era uma oficina teatral com enfoque no teatro de Nelson Rodrigues<sup>4</sup>, mas o que mais me chamou atenção era a forma que Rodas lidava com o trabalho corporal.

---

<sup>3</sup> Hugo Renato Rodas Giusto Mendes Rossi (Juan L. Lacaze, Uruguai, 1939 - Brasília, 2022). Diretor, ator, professor, cenógrafo, iluminador, figurinista, dramaturgo, coreógrafo, músico. FC. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa109203/hugo-rodas>. Acesso em 06 dez. 2023.

<sup>4</sup> Nelson Rodrigues (1912-1980) foi um escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/nelson-rodrigues.htm>. Acesso em 06 dez. 2023.

A oficina era aberta para atores e não atores, e muitos ainda não tinham aprendido a trabalhar com o próprio corpo. E por mais que às vezes fosse um trabalho árduo e exaustivo, Rodas conseguia colocar todos em ação para trabalhar com tempo, qualidade de movimento e improviso. Eu ficava admirada em diversas aulas. Ele nos pressionava para dar nosso melhor constantemente, era como se ele tivesse a capacidade de tirar leite de pedra, até aqueles que tinham mais dificuldades conseguiram ter uma evolução relevante ao olhar de todos da oficina.

Eu me motivava a dar o meu melhor no quesito de corpo, movimento e dança. Testava meus limites dentro das aulas de Rodas pois queria aprender tudo que ele tinha a oferecer, e sei que meu trabalho de corpo é o que é hoje graças a muitos aprendizados e experiências que tive com as vivências derivadas da oficina de Hugo Rodas. As variações de ritmo, velocidade, intenções, a característica câmera lenta de Rodas, todas essas se tornaram grandes aliadas no meu repertório físico e mental.

Ao mesmo tempo na faculdade eu estava cursando a disciplina Movimento e Linguagem 3, com a professora doutora Fabiana Marroni, onde tive contato com o livro *Ser Criativo: O poder da improvisação na vida e na arte* (1993) de Stephen Nachmanovitch. A leitura desse livro me possibilitou uma compreensão ainda mais abrangente e questionadora sobre o processo criativo, pois começou a transformar a percepção que eu tinha sobre a dança como um todo, desde o começo do meu processo investigativo, que era o improviso, entendendo que dentro desse processo tudo é válido. Como por exemplo, segundo Nachmanovitch:

Como é que alguém aprende a improvisar? A única resposta possível é uma outra pergunta: o que nos impede? A criação espontânea nasce de nosso ser mais profundo e é imaculadamente e originalmente nós. o que temos de expressar já existe em nós, é nós, de forma que trabalhar a criatividade não é uma questão de fazer surgir o material, mas de desbloquear os obstáculos que impedem seu fluxo natural. (1993, p. 21).

No momento em que conheci as ideias de Nachmanovitch, eu ainda não tinha transicionado e ainda me via enquanto pessoa cis. Porém durante a pandemia quando comecei minha transição e busca sobre a não binariedade, eu também estava buscando possibilidades da dança por meio do improviso. Logo que comecei a ter contato com o conceito de não binariedade e estudá-lo, comecei a expandir o seu conceito e como eu também explorava a dança e o improviso, acabei associando uma busca à outra. Não existe a dicotomia certo x errado dentro do

processo criativo através do improviso, uma vez que é o medo de errar que nos impede de sequer tentar experimentar algo, e se não tentarmos, jamais conseguiremos alcançar qualquer descoberta. E é daí que surge a minha *eureka*<sup>5</sup>! Pode ser que *eureka* pareça excessivo, mas para mim, foi um momento em que os pontos se ligaram e fizeram sentido. Eu poderia investigar a conexão entre a dança e a não binariedade utilizando o improviso!

### **2.3 - A NÃO BINARIEDADE DENTRO DA DANÇA POR MEIO DO IMPROVISO**

Durante a pandemia da Covid-19, quando passei boa parte do tempo dentro de casa, e frequentemente eu me movimentava de algum jeito por meio do improviso e da dança. Eu me permiti experimentar todo tipo de movimento, tentando ser livre e seguindo fluxos diversos e espontâneos. Tudo era válido nesse processo. E como eu também disse anteriormente, meu processo de transição começou durante a pandemia. Logo, aos poucos eu fui criando essa ligação entre ambos, o improviso e a não binariedade, pois eram questões frequentes no meu cotidiano pandêmico.

Eventualmente, quando expandi a não binariedade para além do gênero, um olhar questionador sobre o mundo como um todo e suas extensas experiências, essa ligação se tornou uma investigação, já que para mim, ambos rompem com o conceito de algo binário, pois são múltiplos e diversos. Segundo Nachmanovitch (1993, p. 22):

A literatura sobre a criatividade está cheia de histórias sobre experiências de ruptura, de *insight*. São momentos que ocorrem quando nos libertamos de algum impedimento ou medo e *bum!* - a Musa se manifesta. Alguma coisa imprevisível salta de dentro do ser e sentimos a clareza, o poder e a liberdade.

Para mim, esta citação se encaixa perfeitamente tanto para a criatividade quanto para um processo de transição de gênero. E a partir desta associação sugiro que é possível trabalhar o ensino da dança por meio de um viés não binário, utilizando improviso.

Quando falamos para uma pessoa dançar, muitas se esquivam falando que não sabem. Mas quem disse que elas não sabem? Na maioria das vezes é uma autocrítica que as impede de

---

<sup>5</sup> “Eureka” que, segundo o *site* Dicio, é traduzido do grego *heureka* e significa achei! encontrei! descobri! Podendo ser também utilizado como expressão de alegria e felicidade em contextos de descobertas. FC. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/eureka/>. Acesso em 03 dez. 2023.

dançar e se expressar. O medo do julgamento por não dançarem da forma X ou Y. De serem destoantes das demais, estranhas e esquisitas. Porém, se elas se sentissem confortáveis para se expressarem sabendo que não existe erro, apenas se permitirem dançar do jeito que quisessem, acredito que seria incrível ver como cada uma se expressa de forma singular e própria, experimentando suas referências e repertórios adquiridos ao longo de suas vidas.

Por isso acredito que quando se trata de uma dança livre e espontânea, é importante lembrar que não existem parâmetros para julgar se algo está certo ou errado, já que intrinsecamente o que está guiando a pessoa ali é o próprio processo criativo dela mesma. Para Nachmanovitch,

A criatividade é a harmonia de tensões opostas, encapsulada na nossa ideia irrestrita de *lila*, ou brincadeira divina. À medida que acompanhamos o fluxo de nosso próprio processo criativo, oscilamos entre os dois pólos [*sic*]. Se perdemos a alegria, nosso trabalho se torna grave e formal. Se abandonarmos o sagrado, nosso trabalho perde contato com a terra que vivemos. (1993, p. 23)

Com esta citação proponho uma análise sobre o improviso dentro do ensino da dança como uma ferramenta de romper com essa dicotomia. Assim como Nachmanovitch evidenciou, é necessário que transitemos entre os polos já existentes para alcançarmos um equilíbrio, trazendo múltiplas possibilidades para experimentações diversas, assim como dentro da não binariedade. Portanto, sugiro que o improviso é uma ferramenta não binária no ensino da dança, já que ele nos permite mais liberdade e abrangência dentro do processo criativo.

Eu enxergo dentro do improviso na dança uma possibilidade de trabalhar a não binariedade para além de uma questão de gênero, ampliando e brincando com o conceito de ambos, com essa associação. Aqui, a não binariedade entra como um instrumento que abre portas para idealmente tornar as pessoas mais confortáveis de experimentarem dançar sem se sentirem julgadas, já que não existem parâmetros para que o mesmo aconteça. Idealmente, elas teriam o poder e a liberdade de se expressar da forma que desejassem, se livrando de medos e amarras que as impediam anteriormente, já que estariam no controle de si mesmas.

Imagino que esta suposição possa estar distante da realidade, mas é a forma que eu enxergo uma mudança possível que parte de dentro de mim, e reverbera para o exterior levando diversos fragmentos meus e de quem eu sou e do que acredito. A transformação começa a partir do momento em que nos permitimos sonhar e realizar ações que nos levem a concretizar esse sonho, mesmo que um pouquinho de cada vez.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo que comecei a considerar o tema desta monografia, fui caminhando mais para o lado da dança e seu ensino do que o da não binariedade, mas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, fui percebendo que eu precisava entender melhor a minha vivência enquanto pessoa não binária para poder compartilhá-la. Eu ainda estava buscando a não binariedade em mim, e precisava entender isso antes de buscar por conexões com a dança e o improviso. Ao longo deste processo, a monografia foi se tornando mais empírica e intuitiva, com a ideia de que ela fosse uma pesquisa acessível a todos a quem pudesse interessar. Gostaria muito que a pesquisa não ficasse limitada apenas às comunidades acadêmicas ou apenas LGBTQIAPN+, e que acessasse pessoas para além dessas comunidades, inclusive podendo se tornar uma porta de entrada para esses conhecimentos que pesquisei nesta monografia.

No meu imaginário consigo criar diversos desdobramentos para continuar a minha investigação, como por exemplo, o quanto eu gostaria de aplicá-la na prática através de uma oficina e observar qual repercussão ela teria nos mais variados públicos. Ou então ampliar os estudos de não binariedade para algo que rompa com a ideia exclusiva de gênero, se tornando algo que abranja e atravesse diversos ambientes e questões plurais.

Quando penso em trabalhar esta pesquisa dentro de sala de aula, me vem diversos pensamentos à cabeça. Primeiro que falar de gênero dentro de escolas se tornou um tabu, então como eu trabalharia com isso sem levar a problemática da não binariedade? Qual seria a melhor forma de trabalhar com isso tentando trazer um pouco da base desta pesquisa para essas aulas?

Ao imaginar trabalhar com dança e improviso penso que seria necessário dar a devida importância aos estudos e técnicas dentro da dança para que, mesmo podendo improvisar e se entregar aos seus processos, os alunos tivessem conhecimentos básicos a respeito do que seria trabalhado para que seus repertórios pudessem ficar cada vez mais ricos. Por exemplo, acredito que seria de suma importância falar sobre o corpo e seus limites, da necessidade de se alongar antes de movimentar-se, sobre conceitos gerais de espacialidade, sobre respeitar seus limites, técnicas para amparar quedas, consciência corporal e afins, sempre adaptando o conteúdo de forma que o grupo de alunos em que a pesquisa é situada, conseguisse compreender as informações que estão sendo passadas de uma forma confortável e interessante, por meio de uma didática que interagisse com a realidade deles, possibilitando uma experiência que levasse em

consideração suas individualidades e as minhas, e levar minha não binariedade para uma possível aplicação prática desta investigação.

Porém eu sei que se uma mudança chega com tudo, ela pode ser mal compreendida e recusada, então acredito que seria melhor ir de passinho em passinho até me sentir confortável de trazê-la. Poderia começar falando de romper com conceitos binários, sem fazer a associação com as questões de gênero num primeiro contato, e aos poucos ir sentindo se tenho abertura ou não para futuramente ir inserindo o tema. E acredito que uma boa aliada nesse processo seria a forma que comecei a enxergar o mundo de forma não binária.

Por exemplo, eu diria que para além das questões de gênero, o próprio processo criativo por meio do improvisado é não binário, uma vez que ele valoriza muito mais os meios do que os fins, permitindo que se experimentem diversas possibilidades antes de chegar onde almeja-se, e isso quando se almeja algo, já que as vezes o próprio processo se torna seu resultado. Não temos como prever transformações e mudanças nos processos criativos, porque existem diversos fatores que os alteram, internos e externos. O mesmo ocorre conosco, seres humanos, pois intrinsecamente estamos sempre nos metamorfoseando e buscando evoluir de alguma forma. E do meu ponto de vista é questionando e experimentando que vamos chegar lá, e que possamos fazer isso bailando e tendo muito orgulho de quem somos!

Aprofundando essa visão questionadora, a partir do momento que comecei a entender cada vez mais que dentro da não binariedade rompemos com dicotomias e que existe um guarda-chuva de possibilidades dentro dela, acabei expandindo esses conceitos para uma visão abrangente do mundo como um todo, enxergando a não binariedade dentro do meu cotidiano e das questões presentes dentro dele. De que, para mim, nada na vida é absoluto e irreduzível, tudo tem mais de uma perspectiva e uma gama de interpretações e caminhos a serem seguidos, quebrando com a expectativa de majoritariamente termos apenas duas possibilidades. Assim, eu tinha vazão para questionar muitos elementos presentes na nossa sociedade.

A dicotomia que antes era romper com as entidades homem x mulher agora se estendeu para campos como a política, questões de sexualidade, de tomada de decisões baseadas em apenas duas opções, compreendendo que mesmo se só fossem duas opções, existem diversos caminhos individuais dentro de cada uma das opções. Como por exemplo, o que é certo ou errado, sendo que dentro do que é considerado “certo” existem diversas questões que podem ser consideradas erradas, e vice-versa. Algo como a filosofia chinesa do *Yin* e *Yang* de mutabilidade

e transformação. *Yin* e *Yang* não são fixos; eles estão em constante fluxo e mudança. O equilíbrio entre essas forças pode variar em diferentes situações e momentos. A filosofia do *Yin* e *Yang* destaca a impermanência e a natureza dinâmica da existência. E essa impermanência é uma chave para como enxergo o mundo e minhas vivências dentro dele, sabendo que tudo é mutável e que sempre existirão diversas transformações dentro de cada possibilidade, que criarão cada vez mais alternativas dentro da mesma.

Pude observar e experimentar as questões acima na prática enquanto fazia minha experiência de estágio supervisionado em artes cênicas, dentro de um colégio público de ensino fundamental em 2023. Por mais que exista um conteúdo a ser passado para os alunos, eu não preciso seguir sempre o mesmo caminho com todas as turmas. Cada turma tem seus diferenciais, cada aluno é um indivíduo com suas características próprias e singulares, logo, cada turma acompanha o coletivo desse conjunto de características plurais. Com algumas turmas era necessário ter uma abordagem mais descontraída, já com outras mais teórica. Um exemplo é que em uma aula sobre Arte Rupestre, em uma turma nós seguimos com o roteiro sugerido pelo livro didático, pois a turma era mais calma e prestava atenção no conteúdo. Mas em outra turma, que era mais dispersa, eu precisei entender qual era a demanda de atenção daquela turma, o que poderia chamar a atenção deles para a matéria. Foi quando vi que tinham alunos rabiscando suas mesas e cadernos, e na hora pensei na conexão entre arte rupestre e *graffiti* e pixação.

Existem muitos estigmas colocados dentro do *graffiti* e pixação, mas eu senti que tinha espaço para tentar abordar esse tema nessa aula com aquela turma. No começo os alunos ficaram receosos, pois eu estava passando um contexto teórico antes do prático, mas ao longo das explicações a curiosidade deles começou a se tornar interesse e eles acabaram participando efetivamente da aula, proporcionando debates singulares e interessantíssimos sobre o tema enquanto cada um trabalhava na atividade proposta: criar uma arte que refletisse a personalidade de cada um através da elaboração de uma *tag*, que é uma assinatura ou marca registrada única usada por um artista de *graffiti* para identificar seu trabalho. Conversamos sobre o que podia ser considerado arte ou não, rompendo com a dicotomia (não binariedade!) do que era belo ou feio, aceito pela sociedade ou marginalizado, contextos sociais e econômicos e por aí em diante. Foi uma aula em que mesmo sem a intenção direta de trabalhar com não binariedade, eu acabei trabalhando de uma forma que não envolvia o gênero, mas uma forma de se enxergar o mundo como eu o enxergo, da forma mais abrangente possível, visando questionar aquilo que nos é

imposto para assim criarmos nossas próprias concepções, interpretações e analogias para assim termos liberdade de tomar nossas próprias decisões baseadas naquilo que vivenciamos e não só aceitamos pois é a norma padrão.

Para mim, a não binariedade anda de mãos dadas com a decolonialidade, descentrando o conhecimento e reconhecendo outras formas de sabedoria, epistemologias e modos de vida que foram historicamente marginalizados.

É rompendo com a colonização de conhecimentos que abrimos porta para novas ideias, novas visões de mundo e novas vivências que antes nos eram negadas. É preciso ter coragem para se ser quem se é, e compartilhar dessa experiência com o mundo e com aqueles que o habitam, a fim de ampliar cada vez mais o acesso à estes conceitos, aspirando mudar o mundo através das nossas próprias mudanças, pois a mudança começa a partir de nós mesmas.

A mudança que começou em mim agora é o ponto central desta monografia. Ela me possibilita diversas reflexões e caminhos que eu posso seguir, buscando continuar as investigações e ver seus desdobramentos. E eu espero poder continuar pesquisando e aplicando seus apontamentos de forma prática, seja por meio de oficinas e rodas de conversa em escolas, como professore efetivo, ou em oficinas abertas ao público. Também almejo poder continuar em um caminho acadêmico, seja numa pós-graduação ou em um mestrado, possibilitando assim uma continuidade, onde eu poderia aprofundar e amadurecer esta monografia.

O que eu quero é que minha pesquisa seja útil! Que pessoas possam lê-la e que ela as faça refletir sobre pelo menos algum dos pilares desta monografia. Quero que cada vez mais pessoas tenham conhecimento sobre o que é a não binariedade, possibilitando assim um espaço confortável para aqueles que se identificam ou possam se identificar com ela. Sejam como aliadas ou como pessoas não binárias. Quero que os corpos sejam cada vez mais dançantes e se permitam dançar sem amarras, que improvisem soluções para suas vidas assim como improvisam na dança. Quero que todes se sintam livres para serem quem quiserem e dançarem como quiserem! Sigamos juntas e bailantes!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. *O que é Transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Episódio 324. *In One Piece*. Criação de Eiichiro Oda. Direção de Munehisa Sakai. Japão: Toei Animation, 2007. 23 min. Episódio 324. Anime exibido pela Netflix. Acesso em: 07 dez. 2023.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. "Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de 'problemas de gênero'". *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/download/10819/7005/30063#:~:text=O%20g%C3%AAnero%20%C3%A9%20a%20estiliza%C3%A7%C3%A3o,59>). Acesso em: 06 dez. 2023.

HUGO Rodas. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa109203/hugo-rodas>. Acesso em: 06 dez 2023.

MEDEIROS, Marina Milito de. *A utilização do gestual cotidiano em Kontakthof, de Pina Bausch* – dançado por três gerações. Campinas (SP): UNICAMP, 2012. Dissertação.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser Criativo: O Poder da Improvisação na Vida e na Arte*. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

OpenAI. "ChatGPT é uma inteligência artificial de linguagem natural desenvolvida pela OpenAI, que usa uma arquitetura de rede neural para gerar respostas a perguntas feitas por usuários." Disponível em: <https://chat.openai.com/share/93ac6afe-9665-49c5-b866-581076f8c659>. Acesso em: 03 dez. 2023.

SOUZA, Warley. "Nelson Rodrigues". *Site Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/nelson-rodrigues.htm>. Acesso em: 06 dez. 2023